

Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P. Carlos de Azevedo — Redacção: Largo Dr. Oliveira Salazar, 21 — Leiria.
Administração: Santuário da Fátima, Cova da Iria, Composto e Impresso nas Oficinas da «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 48 — Lisboa N.



Uma Festa de Família

A Diocese de Leiria, a «Voz da Fátima» e conosco todos os devotos de Nossa Senhora da Fátima estamos de festa.

Nos próximos dias 5 e 8 de Agosto celebra Sua Ex.^{ma} Rev.^{ma} o Senhor D. José Alves Correia da Silva, Venerando Bispo de Leiria, as bodas de ouro respectivamente da sua ordenação sacerdotal e primeira missa.

A Diocese de Leiria — clero e fiéis com a Acção Católica — vão festejar essa data tão querida.

50 anos de vida sacerdotal passada ao serviço de Deus, da Igreja e das almas, sempre nas primeiras linhas, aonde a obediência o chamou.

Dêmos graças a Deus com o Venerando Prelado!

A «Voz da Fátima» é obra sua. A Fátima, depois de Deus e da Virgem Santíssima, deve-se a Sua Ex.^{ma} Rev.^{ma}.

Peregrinos da Fátima, devotos de Nossa Senhora, vamos todos oferecer ao Senhor Bispo de Leiria (e da Fátima) um ramalhete espiritual. Missas, comunhões, têrços, sacrifícios, jaculatórias, outros actos de piedade, constituirão o nosso ramalhete.

Quem quiser pode pedir à Gráfica-Leiria os impressos para preencher com o que cada um quiser oferecer.

Pedimos a todos o favor de até ao dia 25 de Julho sem falta nos enviarem a nota das suas ofertas para este ramalhete.

Dos chefes de trezena dos Cruzados esperamos que zelem esta iniciativa e a propaguem como prova de gratidão para com o Senhor Bispo de cuja alma nasceu tão formosa obra.

Esta oferta espiritual, a presença do seu clero no dia 5 de Agosto, a esmola da Diocese para o Seminário, serão de grande alegria para o coração do Sr. Bispo.

Congresso Mariológico Hispano - Português

FÁTIMA, 1944
12 a 16 de Julho

Depois das grandes apoteoses dos dias 13 de Maio a Outubro, depois do recolhimento regenerador dos retiros espirituais, depois de tantas e tão profundas manifestações individuais e colectivas de fé, de piedade e de espírito de oração e sacrifício vêm agora ao Santuário da Fátima as Côrtes Gerais do mais alto pensamento teológico de Espanha e Portugal à cerca do culto de Nossa Senhora, das suas prerrogativas e sobretudo da devoção ao Seu Imaculado Coração.

Sem barulho, sem multidões, a Fátima vai viver alguns dos seus mais gloriosos dias durante este Congresso. A VOZ DA FATIMA saúda os congressistas espanhóis e portugueses e faz os melhores votos para que do Congresso resulte maior glória para a Mãe de Deus.

ESBOÇO DO PROGRAMA - (DIAS)

12 (tarde)

Ex.^{mas} Srs. Bispos: Breves palavras de saudação.
Rev.^{mo} sr. dr. Manuel Mendes do Carmo: «A revelação do Imaculado Coração de Maria aos videntes da Fátima».
R. P. Máximo Peinador, C. M. F.: «El Corazón de Maria en la Sagrada Escritura».

13 (manhã)

R. P. José M.^a Bover, S. I.: «Origen y desenvolvimiento de la devoción al Cor. de Maria en los Padres y Escritores eclesiásticos».
R. P. José de Oliveira Dias, S. I.: «A Mediação Universal de Maria à luz da História da Fátima».
D. Gabriel de Sousa, O. S. B.: «O Coração de Maria sinal da graça dos tempos novos».

13 (tarde)

R. P. Fr. Gregório de J. Crucificado, O. C. D.: «Objecto material y formal del culto al Corazón de Maria».
R. P. Francisco Rendeiro, O. P.: «O Coração de Maria e a sua maternidade de graça».

14 (manhã)

Rev.^{mo} sr. dr. João B. Lourenço Insueles: «Nossa Senhora na Liturgia Bracarense».
R. P. Marcêlino Llamera, O. P.: «La devoción al Corazón de Maria, centro de toda devoción mariana».

14 (tarde)

R. P. Narciso Garcia, C. M. F.: «El Corazón de Maria en la poesia religiosa medioeval».

R. P. Fr. David de Sousa, O. F. M.: «Maria, Mãe dos homens».

R. P. Fr. José de Montalverne, O. F. M.: «A Mariologia latina antes da Controvérsia ariana».

15 (manhã)

R. P. Angel, C. SS. R.: «La consagración al Cor. de Maria. Su valor teológico y posibles aportaciones al esclarecimiento de problemas mariológicos hoy debatidos».
R. P. Clemente Pereira da Silva, S. Sp.: «O Imaculado Coração de Maria e o Apostolado».

15 (tarde)

R. P. João Roberto Marques, C. M. F.: «O Coração de Maria e a santificação da família».
R. P. Salesiano: «Auxilium Christianorum».

16 (manhã)

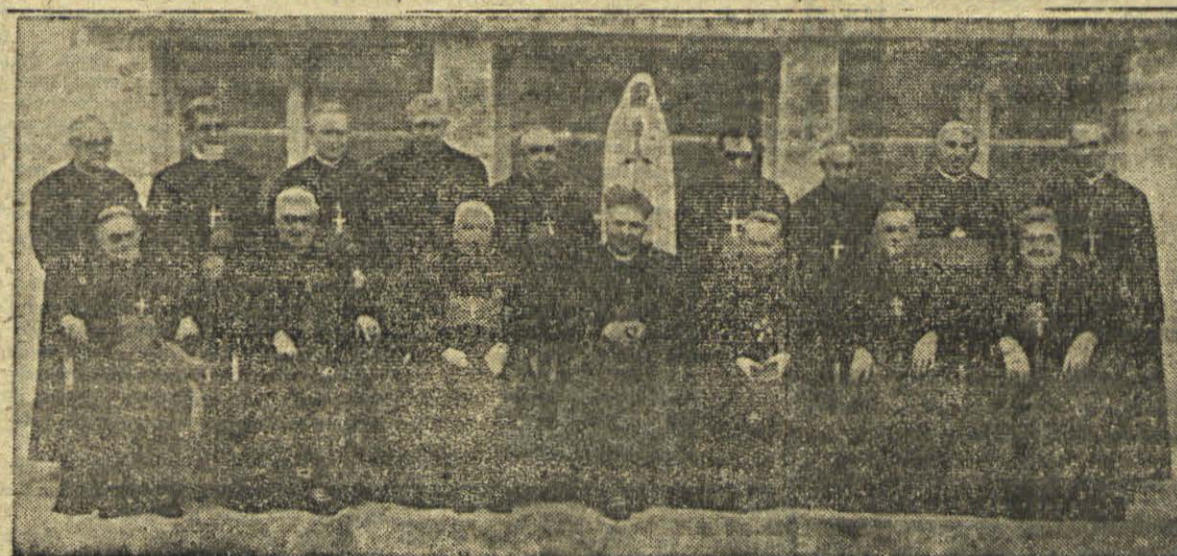
R. P. Emilio Sauras, O. P.: «Ascética de la devoción al Cor. de Maria: Su valor santificador y lugar que le corresponde en la ascética».
R. P. Henrique Machado, C. M.: «O Coração de Maria e a Medalha Milagrosa».

16 (tarde)

Rev.^{mo} sr. Dr. Sezinando Oliveira Rosa: «História do Imaculado Coração de Maria em Portugal».
R. P. Francisco de P. Soia, S. I.: «História de la devoción al Corazón de Maria en España».
Encerramento do Congresso, pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. José Alves Correia da Silva, Venerando Bispo de Leiria, Visita de agradecimento a Nossa Senhora e despedida.

Peregrinação de Junho, 13

No dia 13 de Junho último celebrou a Igreja Católica a festa de Santo António de Lisboa — de Santo António de Lisboa — lhe chamou o Papa Leão XIII. de Portugal e Padroeiro especial do Santo de todo o mundo, como de saudosa memória — Padroeiro da freguesia da Fátima.



FATIMA — MAIO DE 1944
O Venerando Episcopado Português em retiro no Santuário

Na véspera, às 11 horas da noite, realizou-se com a ordem, o esplendor e a devoção habituais, a linda procissão das velas sempre encantadora e sempre comovente. Nela se incorporou uma peregrinação espanhola proveniente de Vigo e composta de trinta e oito pessoas.

A meia-noite, começou a adoração geral do Santíssimo Sacramento solenemente exposto no altar do Pavilhão dos doentes. Durou até às duas horas da madrugada. Rezou-se o têrço e nos intervalos das dezenas falou sobre a Paixão do Senhor o rev. P.^a Matos Soares, pároco da freguesia de Nossa Senhora da Conceição da cidade do Porto.

Das 2 às 3 horas, fez o seu tur-

Deveres dos Ricos para com o próximo

É um imperioso dever de justiça que os ricos remunerem com um salário justo o trabalho dos seus subordinados; que os não tratem como escravos, mas com o respeito que se deve a todo o filho de Deus; que não lhes exijam trabalhos superiores às suas forças nem serviços que os impeçam de cumprir os seus deveres de cristãos ou que prejudiquem a sua dignidade.

Mas é igualmente um imperioso dever de caridade que aqueles a quem o Senhor distribuiu bens materiais repartam, na medida das suas possibilidades, com os seus irmãos pobres e necessitados pela doença ou pela idade ou ainda por não terem onde ganhar o pão de cada dia.

Jesus disse-nos bem claramente que tudo o que nós fizermos ao mais pobrezinho e humilde dos nossos irmãos, o consideraria como feito a Ele próprio. Admirável delicadeza do Salvador que se esconde sob os andrajos da miséria como sob as espécies dum sacramento!

Evidentemente que Ele não está realmente presente na hóstia humana da dor e da miséria como na Hóstia do altar: é da Sua presença moral que se trata neste caso.

E a Ele que nós damos ou recusamos a nossa esmola. E Ele que recompensará a nossa liberalidade ou punirá o nosso egoísmo. O pobre é, pois, aos olhos da fé e da caridade cristã, um Cristo sofredor.

Mas o rico que dá generosamente, principalmente quando para isso se priva de alguma coisa, torna-se aos olhos de Deus um Cristo compassivo. E esta transfiguração é mais bela ainda que a do pobre em Cristo sofredor, porque o infeliz que honramos e divinizamos vendo Deus nêlo, não tem nisso mérito algum: apenas recebe o benefício. É um instrumento passivo, ao passo que o rico que dá e que se priva é um instrumento activo da sua própria elevação.

Podem por assim dizer-se que, a golpes de cinzel, esculpe em si próprio

a imagem de Cristo compassivo, pois, como Ele, pela sua generosidade, passa sobre a terra fazendo o bem — transivit beneficiando!

Ao lado desta formosa virtude da caridade, como se torna miserável e repulente o egoísmo! Como se torna odioso aos olhos de Deus e dos homens aquêlo que recebeu abundantemente das mãos do Senhor, riquezas, inteligência, bela situação social e, em vez de fazer bem, auxiliar e sustentar obras de caridade, enxugar lágrimas, matar a fome, diminuir o sofrimento dos seus irmãos, cruza os braços e assiste indiferente à dor e amarguras que o rodeiam.

A fortuna assim como a inteligência foram dadas ao homem não por si próprio mas pelos outros, como a água foi dada à montanha, não pela montanha, mas pela planície que deve fertilizar. Contemplemos um regato de água límpida que salta de rocha em rocha pela vertente da serra. A água canta, espalha alegria e pérolas de espuma na sua correria. Porque? Porque cumpre a sua missão de correr, saltar e de ir fecundar os campos. É a imagem da alma que dá e que se dá — alegre, activa e cantante.

Olhemos por outro lado a água esverdeada e dormente de um pântano: morna, silenciosa, faz fugir as aves do céu. É a imagem da alma egoísta que se enovela e dobra sobre si própria e que em si própria só encontra tristeza.

Sejamos, se pudermos, o rio majestoso que leva a riqueza e a vida aos campos e vai alegrar as cidades dos homens. Sejamos o humilde regato que serpenteia no prado e lhe alimenta a verdura. Sejamos pelo menos a humilde gotazinha de água que se infiltra através da areia, a gota de cristal que se junta a outras e vai engrossar o riacho ou o rio caudaloso. Mas que o Senhor nos livre de sermos almas egoístas, dormentes, paradas, pantanosas e apodrecidas porque nelas não vive a caridade que o Senhor nos veio trazer e ensinar.

PALAVRAS MANSAS SÓ PALAVRAS

Ainda hoje para muita gente os direitos do homem representam uma invenção inspirada e feliz da Revolução francesa. Para além dele o homem só tinha deveres, obrigações e encargos. Era a noite... A Meia-Idade continuava a ensombrar a vida cívica. Os privilégios sobrepujavam-se esmagadoramente aos direitos.

O homem emancipado e livre, senhor de si como um soberano, veio ao mundo pela mão de Marat, Danton e Robespierre, entre a suspeita, a delação e o terror, a ilustrar as lições da Enciclopédia ao ritmo da guilhotina cada vez mais cruel e apressado...

Dante, se fosse contemporâneo, gravaria talvez estas palavras na base da proclamação dos direitos: — viva o homem! viva a morte! É que para a teologia do grande, do altíssimo poeta, os direitos que se não fundamentam em Deus são apenas fórmulas aparatosas e vãs, sempre à mercê de todas as paixões e de todas as violências.

Nós hoje sabemos muito bem o que foi a Revolução francesa nos seus intuitos, nos seus processos, nos seus negações, nos seus audácias, nos seus horrores e nos seus resultados, que até surprenderiam os chefes, os mais responsáveis, se ainda fossem vivos... Nas Origens da França contemporânea o positivista Taine, profissional da verdade histórica, que esperava ansiosamente no encêrpo dos arquivos, desfêz a lenda e exaurou o mito. O homem revelou-se mais uma vez um animal carniceiro. Os acontecimentos, evoluindo quasi sempre por si próprios, pela sua lógica imponente, deram celebridade a homens que realmente a não mereciam.

Como uma fraqueza generosa, ao sabor das paixões políticas da turba desenfreada, pode converter-se, com a melhor das intenções, numa cumplicidade nefasta! Com um pouco mais de energia governativa Luís XVI poderia talvez obstar a que a França se cobrisse de massacres e de ruínas. Não dizer resolutamente, logo nos primeiros dias da grave crise política e social: — o rei sou eu! o mesmo era que tomar pelo caminho da abdicação, dizendo aos revolucionários: — o rei afinal sois vós!

De um lado isto — transigência, transigência, transigência; do outro isto — audácia, mais audácia, sempre audácia! De um lado o poder que fraqueja; do outro a Revolução que caminha.

Para apurar os direitos do homem fizeram-se na França mais duas revoluções: a de Julho de 1830 que destronou os Bourbons e a de Fevereiro de 1848, em que fez prodígios de apaziguamento e de ordem a palavra de Lamartine.

Pensava certamente nêles Pinheiro Chagas, quando em Paris, num brinde, rapidamente improvisado, disse a jornalistas e literatos reunidos num banquete: «O martírio da França resgata. A França arde, queima-se, para ser a luz do mundo!» Estas pala-

Na Sua aparente inacção, na luz que faz desabrochar a fé no Sua imobilidade de Hóstia, Jesus parece dormir no fundo dos nossos Tabernáculos... Por isso muitas vezes a nossa fé frouxa O esquece e a nossa sensibilidade se cansa do Seu silêncio...

Mas, na verdade, o Seu Coração vela e vive uma vida intensa — vida de profundo, infinito e incompreensível amor por nós.

Foi por amor que Jesus instituiu a Sagrada Eucaristia, para estar sempre connosco; foi por amor que Ele quis ficar nos nossos Sacrários.

Ora o amor tem por símbolo o coração; podemos pois dizer que o Coração de Jesus vela na Hóstia consagrada. E por isso a Santa Igreja nos recomenda e aconselha que honremos o Coração Eucarístico de Jesus que, sob a Sua invicível aparente, palpita ardentemente por nosso amor e cada uma das Suas palpitações eleva e vivifica o mundo.

Dormio sed cor meum vigilat. Vela pela alma do incrédulo. Cheio de compaixão envia-lhe a

luz que faz desabrochar a fé no seu coração. A Eucaristia é um mistério de fé e ao mesmo tempo o Sacramento gerador da fé. Vela pela alma do pecador que cre mas que sucumbe sob as suas paixões. Segue-o pelos maus caminhos em que se embrenha. Envia-lhe a Sua graça para fazer desabrochar o arrependimento no seu coração. A Eucaristia é o Sacramento gerador das conversões.

O Sagrado Coração vela pela alma do justo. Santifica-a e eleva-a a uma perfeição cada vez maior. Desenvolve nela a humildade, a doçura, a caridade. É o Sacramento gerador de todas as virtudes.

Vela pelos que sofrem. Associa-os à Sua Paixão e promete associá-los um dia à Sua glória e ressurreição. Faz-lhes entrever o Céu acima dos horizontes sangrentos do Calvário.

Vela pela barca de Pedro, a Santa Igreja, a quem anunciou tempestades mas a quem prometeu também conservar incólume através das maiores borrascas.

Vela pela pobre humanidade que nunca, como nos tempos presentes, foi tão atormentada por males de toda a espécie. Como que um ciclone feito de ódios, ambições e violências se desencadeou no mundo, pretendendo aniquilá-lo numa onda de barbárie e de morte. Mas o Vencedor da barbárie e da morte, é o amor e o Amor é Jesus, é o Seu Coração Eucarístico.

Mas para alcançarmos a vitória, é necessário pedir-lha ardente e instantaneamente. É necessário gritar-Lhe como fizeram os Apóstolos durante a tempestade: Salvai-nos, Senhor, aliás pereceremos!

Coração Eucarístico de Jesus, nós temos confiança em Vós. A sociedade navega sobre um mar de sangue, balida por uma tempestade de ódios e de crimes. Mas dizei somente uma palavra e a bonança voltará de novo com a fé e com o amor a este pobre mundo.

Coração Imaculado de Maria sede a nossa salvação!

POR QUE APARECEU N. S. NA FATIMA

é um livro encantador em que, o culto de Nossa Senhora na Diocese de Leiria se coroa com as aparições — uma prenda da Virgem Santíssima aos seus bons filhos. Preço 10\$00.

Pedidos à Gráfica.

A JACINTA

pelo P. J. Galamba de Oliveira é a revelação da mais admirável alma de criança de todo o mundo no nosso século.

A venda nas Livrarias. Preço pelo correio 11\$00.

Pedidos à Gráfica — Leiria.

Imagens, estampas e todos os artigos religiosos: há sempre grande variedade na «União Gráfica».



LIQUIDAÇÃO!...
Total de Malhas e Fazendas lá!!

- 3 lotes casacos diversos. malha lá estambre, eram do dobro liquidam-se por esse. 115\$00, 82\$00 e ... 59\$00
 - Blusas lá peluche, e/bordados a cor liquidam-se por Pulover lá pura p.ª homem. 2 faces liquidam-se por 72\$50 e ... 65\$00
 - Fantasia lá para vestidos saia e casaco liquidam-se por 28\$50, 16\$50 e ... 10\$00
 - Fazendas muito grossas p.ª casaco liquidam-se por 49\$00 e ... 39\$50
 - Camisolas boa felpa p.ª homem, 46\$00, 38\$50 e ... 27\$50
 - Meias seda gase, m/finas s/defeitos 10\$50 e ... 8\$50
- E muitas outras qualidades em liquidação!
Aproveitem! Isto dura pouco! Província e Ilhas, enviamos amostras e tudo contra reembolso.

A COMPETIDORA DAS MEIAS
R. Arco Marquês do Alegrete, 39-1.ª Lisboa

(escada própria — Próx. ao Rocio).

TIRAGEM DA «VOZ DA FATIMA»

NO MÊS DE JUNHO

Algarve	8.537
Angra	21.389
Aveiro	9.435
Beja	6.329
Braga	83.194
Bragança	14.442
Coimbra	15.684
Évora	4.930
Funchal	14.266
Guarda	18.189
Lamego	11.672
Leiria	14.632
Lisboa	15.502
Portalegre	14.160
Pôrto	53.891
Vila Real	25.250
Viseu	11.049
Total	342.551
Estrangeiro	3.932
Diversos	12.357
Total	358.840

Quando precise dum jornal diário, o católico deve pedir sempre as «Novidades».

Medalhas Religiosas

encontra-se à venda no Santuário da Fátima, toda a edição das preciosas medalhas religiosas, assinadas pelo escultor JOÃO DA SILVA



Substitua os seus antigos quadros religiosos pelas lindas imagens que Topázio criou. São maravilhas de arte para presentes de distinção. Veja se tem gravada a marca original

TOPÁZIO

A venda nas ourivesarias.

Correia Pinto

Por um passo em falso...

— Um retiro?... Eu?...
 — Sim, porque não?
 — E depois... sepultar-me viva num convento, talvez...
 — Que disparate! Se todas as raparigas e todos os rapazes — rapazes, ouves? — que fazem o seu retiro fôsem depois para o convento, cair por terra — em absoluto — o plano desta Cruzada da Idade Moderna. Os chamados à vida religiosa têm tempo de estar «retirados», ao passo que nós...

— Não, cara amiga! Não gastes o teu tempo nem o teu latim comigo... Tão bem me deves conhecer já! Acompanha-te à Fátima, mas, como te disse, para voltar no mesmo dia. Fiz promessa de lá ir e o que prometo cumprio. Aproveito a ocasião e nada mais.

— E eu dou-me por bem contente de te levar na minha companhia, mas a gente sempre quer mais...

— Não insistas, Adelina, não insistas que podes estragar tudo...
 Era de facto prudente não insistir e Adelina, inteligente como era, assim o entendeu. Tinham as duas amigas acabado de sair do edifício da Escola Médica, cujo 2.º ano frequentavam, e iam atravessando o Campo de S.ª Ana enquanto se dava a conversação acima que Adelina cortou afirmativamente.

— Vou tomar o eléctrico... Então até amanhã, Lenal! Na estação, lá em cima, sim?...
 — Sim! Até amanhã!

Contara Adelina com a viagem, com qualquer troca de idéias ou impressões entre a dezena de raparigas que ocupavam a sua carruagem para despertar em Madalena o desejo ou sequer a curiosidade de tomar parte nos exercícios espirituais da Juventude Universitária do país.

Nada, porém, se passara de notável; raparigas de incontestável valor pela maior parte, algumas já formadas, pareciam crianças em férias, conversando, rindo, brincando, saboreando e repartindo os seus bolos e chocolates.

Madalena sentia-se perfeitamente à vontade; dir-se-ia que nada houvesse entre ela e as companheiras capaz de originar qualquer mal-estar ou desinteligência.

Assim chegaram a Chão de Maças, onde o comboio despejava o juvenil contingente de intelectuais. Qualquer coisa se deu então que apertou o coração de Adelina que uma sincera amizade ligava a Madalena. Muito tinha sofrido já com as leviandades desta, muito receava pelo seu futuro que via ameaçado como o de tantas das suas colegas por uma errada concepção da vida, por uma ignorância total dos meios que podem torná-la bela, tranqüila, feliz.

A alguns passos da «gare» estacionava um automóvel cujo motorista devia ser o proprietário — tipo de lavrador ribatejano acusando todavia uma certa distinção. Madalena, visivelmente perturbada aproximara-se dele e, apesar do tom de voz que ambos empregaram e do movimento em redor, Adelina conseguiu distinguir algumas palavras:

— Ourém... 7 ou 8 horas, talvez... à noite...

E na camioneta que conduziu as universitárias à Cova da Iria, Madalena, propositadamente sem dúvida, fôra meter-se ao fundo, fazendo que não via o lugar que a amiga lhe reservara junto dela...

— Lenal... tenho um quarto com duas camas... Porque não ficas comigo esta noite e segues amanhã pela primeira camioneta que é directa para Lisboa? Pode ser que a manhã esteja melhor...

Na verdade o tempo estava péssimo — frio, ventoso, duma chuvinha quasi sem interrupção.

— Não possol! Não teimes! Tenho de sair já pela camioneta que vem da Nazaré para Ourém... Adeus!... Vou buscar a maleta que deixei lá em cima no «hall» e... não há tempo para mais...

Partiu precipitadamente, à chuva, puxando o casaco impermeável por sobre a cabeleira crespa, falsamente doirada.

Só a mão da Providência a poderia deter.

Adelina ajoelhou, mas no mesmo instante deu por um papel que sem dúvida teria caído do bolso da amiga. Era de facto a sua letra garrafal num impresso de telegrama para enviar à mãe: «Resolvo ficar Santuário, Lenal».

Desgraçada! Onde, como, e com quem iria ela passar aqueles quatro dias?!

Deitar-lhe ainda a mão — tentar ao menos — foi a idéa que rapidamente dominou o cérebro de Adelina. Correu para o Hospital em direcção à escada interior que lhe encurtaria o caminho; mas achou fechada a porta que dá para o vasto pátio. Madalena tinha-o atravessado, visto que contornara por fora o Hospital.

Não havia tempo a perder em abrir portas; enfiou pelo corredor envidraçado e logo avistou a amiga tão apressada como ela. Tentou agora abrir a primeira porta que encontrou mas os dedos trémulos recusavam-se a todo o esforço... Continuou a correr, contornou a capela e de novo avistou Madalena que se sumia já de maleta na mão...

Nunca lhe parecera o Hospital tão comprido... Não seria possível apanhar a pobre rapariga que como louca borboleta voava quem sabe para que devoradora chama... Talvez a camioneta viesse atrasada e pudesse alcançá-la ainda lá em cima na estrada...

Só a última porta do Hospital se encontra aberta. Adelina transpõe-a e em seguida o arco... E demasiado tarde: ouve-se o buzinar da camioneta na estrada, vê-a parar mas nunca poderá alcançá-la...

De súbito, porém, raciocina:
 — Decerto, não teve tempo de a apanhar... Não... não é possível... Se ainda há um instante a vi... Mas... que é aquilo... além?...

Do talude lamacento, sob as azinheiras quasi despidas das últimas folhas das braças batidas pelo vento e pela chuva, surge de pés e mãos enlameados um vulto de casaco esverdeado, de cabeleira loira em desalinho...

E Madalena que, por um passo em falso, corregera por ali abaixo e, toda molhada, lá se ergue coxeando e... perde a camioneta!

Em dois pulos Adelina está junto dela:
 — Querida Lenal... magoaste-te?...
 — Quasi nada... não tem importância... Mas, em que estado estoul... O casaco... os sapatos... Ah!... E as meias!

Era o pior, de facto... As pobres meias de seda, tão tênues que quasi se não dava por elas, tinham estalado de alto a baixo não deixando ainda as pastas de lama avaliar toda a extensão do desastre...

— Não te aflijas, Lenal... tenho de tudo sobressalente, vem para o meu quarto...

Não obstante um colorido de vexame a afoguear-lhe o rosto e umas lágrimas rebeldes a saltarem-lhe dos olhos, Madalena deixava-se conduzir dócilmente...

Depois de mergulhada três dias em silêncio profundo só cortado pela voz do conferencista, o murmúrio das orações ou o som dos cánticos e do harmónio, a Casa dos Retiros anexa ao Hospital do Santuário ecoava de alegre vozearia, de passos saltitantes e risadas. Estava terminado o retiro e o primeiro gesto das raparigas foi o de se abraçarem efusivamente.

— Comovida, Madalena lançava-se também nos braços de Adelina: — Obrigada, querida, obrigada... Não fazia a menor idéa do bem que se poderia aqui sentir. Foram decerto os melhores dias da minha vida...

M. de F.

GRAÇAS

de Nossa S.ª da Fátima

AVISO IMPORTANTE

Dora-avante todos os relatos de graças obtidas devem vir autenticados pelo Rev. Pároco da freguesia e acompanhados de atestados médicos quando tratem de curas. De contrário não serão publicados.

NO CONTINENTE

João dos Santos, Sant'ago da Guarda, diz que, tendo, em Janeiro de 1938, espetado um dedo da mão direita com um ferro, o dedo infectou-se e no dia 15 de fevereiro teve de ser amputado no Hospital de Coimbra. Voltou para sua casa, onde foi tratado pelo seu médico assistente. Dentro em pouco toda a mão estava afectada e por isso foi mandado de novo ao Hospital para lhe ser cortada a mão. Pelo caminho, cheio da maior tristeza, recordou-se das inúmeras graças feitas por Nossa Senhora da Fátima e que lê na «Voz da Fátima».

Cheio de fé e confiança pediu então a Nossa Senhora que a mão não lhe fosse amputada, fazendo vários promettimentos e principiando logo uma novena à Mãe do Céu. Entrou no Hospital, onde esteve um mês em tratamento, mas, graças a Nossa Senhora da Fátima, contra todas as expectativas, pôde voltar para a sua terra com a mão curada, vendo nisso uma protecção especial de Nossa Senhora.

D. Lucília Martins Carrilho, professora do Colégio Infante D. Henrique em Loulé, conta que uma sua irmã se encontrava em gravíssimo perigo de vida no 5.º mês de gravidez, não sabendo as médicas mais que fazer, quando a enferma pediu água da Fátima e com grande fé agarrou a pulseira que tinha a imagem de Nossa Senhora da Fátima. Imediatamente, com o maior espanto das médicas que lhe assistiam, a temperatura de 40º e alguns décimos desceu, e o perigo passou. A seu devido tempo deu à luz uma robusta menina. Foi tão evidente a intervenção sobrenatural em caso tão aflitivo que o marido da enferma recuperou a fé e nunca queria que a esposa deixasse de usar aquela pulseira com a imagem de Nossa Senhora da Fátima. Quando a filha nasceu, apressou-se em lhe oferecer uma pulseira com a imagem de Nossa Senhora, e colocou-lhe ao pescoço uma corrente com a medalha de Nossa Senhora da Fátima que a salvava, e à mãe.

António José Pereira, Barrio, Ponte do Lima, vem agradecer a Nossa Senhora da Fátima a cura da sua mulher Ana Carneiro de Lima que havia cinco meses sofria horrivelmente de uma flebite infecciosa, desistindo os médicos de a salvar.

Principiou então uma novena a Nossa Senhora pedindo-lhe a cura da enferma, manifestando esta vontade de que o seu marido fosse à Cova da Iria no dia 13 de setembro daquele ano de 1939 e lhe trouxesse água de lá, porque tinha fé que seria curada. O marido fez-lhe a vontade. Uma vez em Fátima, pediu a Nossa Senhora a cura da sua esposa, prometendo que se confessariam e haviam de comungar nos dias 13 de um ano, e durante um ano haviam de recitar todos os dias o terço em família e iriam à Cova da Iria agradecer à Mãe do Céu. Nesse mesmo dia 13 a doente começou a sentir alívio nos seus padecimentos. Principiou a lavar as chagas, que lhe cobriam o corpo, com água da Fátima, melhorando a olhos vistos. Hoje, faz a sua vida normal, de lavadeira, como antes da doença. Já foram à Cova da Iria agradecer a Nossa Senhora e agora, como prometera vem tornar público base agradecimento.

D. Júlia Loureiro Maio, Póvoa de Varzim, diz que sua filha Maria das Dores Loureiro Maio sofria horrivelmente de uma úlcera no estômago e devia, segundo a opinião clinica sujeitar-se a uma intervenção cirúrgica, único remédio apontado para o seu mal. Recorreu então a Nossa Senhora da Fátima, prometendo ir à Cova da Iria caso Nossa Senhora lhe obtivesse a cura e a livrasse da operação. Efectivamente assim sucedeu. Encontrou-se relativamente bem, e tudo atribui a Nossa Senhora.

Fernando Lopes da Cunha e Almeida e sua esposa D. Maria Adelaide, Viseu, tendo tido o seu filho Fernando gravemente doente e dizendo o médico que caso não melhorasse em breve, teria de ser operado, prometeram a Nossa Senhora da Fátima que, se em três dias começasse a experimentar melhoras, enviariam uma esmola para o seu Santuário e mandariam publicar esta graça. Imediatamente as fortes dores abateram e hoje encontra-se completamente restabelecido. Com muita humildade vêm manifestar à Santíssima Virgem a sua gratidão, dando deste modo cumprimento à sua promessa.

D. Virginia Augusta Moreira, Lisboa, diz que sofria horrivelmente de neuralgias na cabeça e nos olhos, impediendo-a de trabalhar no seu officio de costureira. Foi-lhe dito pelo médico que devia dar entrada no Hospital para ser operada, isto depois de consultar vários médicos e vários tratamentos. Horrificada com a idéa de uma intervenção cirúrgica à cabeça, voltou-se então para Nossa Senhora da Fátima, fazendo a novena das três «Avé-Marias» e, diz, «como não me sentia merecedora de que Nossa Senhora me ouvisse, pedi por novena a Santo António para que intercedesse por mim a Nossa Senhora da Fátima». Efectivamente obteve a cura, sem ser preciso submeter-se à operação. Como prometeu vem tornar público o seu agradecimento à Santíssima Virgem.

NOS AÇORES

D. Eva Alina de Andrade, Povoação, cheia de reconhecimento, para com Nossa Senhora da Fátima, diz que tendo tido o seu filho gravemente enfermo, não contando já os médicos salvá-lo, invocou em seu auxilio Nossa Senhora da Fátima e as melhoras começaram a manifestar-se, com grande admiração dos ilustres clínicos e alegria de toda a família.

D. Maria Augusta Barcelos, Terceira, diz que tendo uma netinha em perigo de vida, recorreu a Nossa Senhora da Fátima obtendo a cura quasi repentinamente.

D. M.ª de Lourdes Gonçalves Leonardo Correia e João Forte Correia, Angra, vêm agradecer a Nossa Senhora da Fátima a cura da sua filha Mafalda Maria que esteve gravemente enferma e a quem o médico já não esperava salvar.

D. Rosa Gil Bettencourt, Guadalupe, Graciosa, diz que o seu unico filho chamado Eugénio Raúl Espinola Reis de dezassete anos, desmanchara o braço direito. Recorreu ao médico, mas volvido mês e meio ainda não podia articular aquêle membro. Cheia de aflicção, temendo que o seu filho viesse a ficar aleijado, voltou-se então para Nossa Senhora da Fátima principiando-lhe uma novena. Na primeira noite do primeiro dia da novena o rapaz acordou com o braço novamente desmanchado. Recorreu outra vez ao mesmo médico que havia quarenta e cinco dias lhe fizera o tratamento. Agora, desta vez voltou para casa fazendo todos os movimentos com o braço, e no fim da novena encontrou-se completamente curado. Cheia de reconhecimento vem, como prometeu tornar público o seu agradecimento a Nossa Senhora.

Agradecem graças muitas e diversas, obtidas por mediação de Nossa Senhora da Fátima

- D. Maria Isabel de Lima Correia, Santo Tirso.
- D. Maria Teresa Souto, Angeja.
- D. Ana de S. José Pacheco, Luz, Graciosa.
- Manuel da Silva Sampaio, Guimarães.
- D. Maria Adelaide dos Santos, Castro Daire.
- Joaquim Gomes, Vermoil.
- D. Teresa Ferreira, Brangança.
- D. Maria Ferreira da Silva, Barcelos.
- D. Laurinda Leandro e marido, Castro Daire.
- D. Luis de Almeida, Castro Daire.
- D. Carlota Negrão, Porto.
- D. Aurora Pinheiro, Valdigem.
- Manuel Fernandes, Taboado.
- D. Maria Ferreira, Porto.
- D. Ana da Espirito Santo Bernardo, Pico.
- D. Edith Augusta, Fafo.
- D. M.ª dos Prazeres Biscata Eabaga Paiva, Manteigas.
- D. Maria C. Rocha, Hanford, Califórnia.
- D. Maria Filomena Martins Rodrigues, Angra.
- D. Maria Elmira Machado, Terceira.
- D. Maria Idalina de Almeida, Bal-Oliveira de Fradea.
- D. Ana da Silva Pinheiro e Porfíria, S. Miguel das Aves.
- D. Maria do Céu Morais, Castelo Branco.
- D. Maria da Conceição Martins, Vilar Formoso.
- José Pereira da Cunha, Guimarães.
- D. Castorina da Conceição M. Bastos, Nelas.
- D. Maria de Jesus Almeida, Mirandela.
- D. Nazaré Ferreira Lopes, Montalvo.

VOZ DA FATIMA

DESPESAS	
Transporte	2.554.270\$08
Papel, comp. imp. do n.º 261	25.142\$70
Franq. Emb. transporte do n.º 261	7.184\$58
Na Administração	300\$00
Total	2.586.597\$36

Esmolas desde 15\$00

- Vitor de Sousa, Santa Maria, 20\$;
- D. Maria da Graça Sepúlveda, Lisboa, 20\$.
- D. Purificação Carneiro, Castelo Branco, 15\$00;
- D. Cândida Maria de Sousa, Estrada, 40\$00;
- P.ª Manuel Estevão Ferreira, Porto, 100\$;
- D. Irene do Carmo Silveira, Covilhã, 32\$50;
- D. Alzira Anjos Ferreira, Póvoa, 70\$00;
- João Arnaldo Calheiros Cruz, Porto, 20\$00;
- D. Ana de Jesus Lima, Tendais, 50\$00;
- D. Isolina Gonzales, Villanuova, 20\$00;
- D. Maria Deolinda E. F. Mascarenhas, Oliveira do Hospital, 20\$00;
- D. Vitória Gomes Guerra, Lisboa, 20\$00;
- D. Maria da Encarnação Rocha, Lisboa, 20\$00;
- D. Luis Gonzaga O. S. B., Serocaba (Brasil), 40\$00;
- Joaquim da Conceição Duarte, Obidos, 152\$00;
- P.ª Estanislau Martins, Seminário de Rachol, 286\$35;
- Rev. Prior de Santa Maria, Sintra, 50\$00;
- Anónima, Lagos, 40\$00;
- D. Glória Esquivel, Mourão, 20\$00;
- D. Gracinda Ferreira de Moraes, Lisboa, 40\$00;
- D. Angelina Ferreira de Moraes, Lisboa, 20\$00;
- Júlio António Cardoso, Lamego, 20\$00;
- Júlio António Cardoso (Tio), ibidem, 20\$00;
- D. Alexandrina Silvano, Covilhã, 15\$00;
- José Pereira Amorim Mendes, Braga, 21\$00;
- D. Ana do Espírito Santo Torres, Braga, 50\$00;
- D. Josefina M. P. Pereira de Melo, Montemor-o-Velho, 20\$00;
- Manuel Carmo Quitério, Nabo, 40\$20;
- P.ª Manuel Azevedo Mendes, Recife, Brasil, 280\$00.

PALAVRAS DE UM MÉDICO

(2.ª Série)

XLVI

A PENICILINA

O jovem médico português Dr. José Garrett publicou na revista «Portugal Médico» de Fevereiro de 1944 um artigo muito elucidativo a respeito do novo e famoso remédio penicilina.

De entrada, informa o autor que as revistas médicas nacionais se têm referido muito escassamente à penicilina, enquanto que os jornais noticiosos têm sobre ela espalhado informações que não primam pela exactidão.

Nada é de estranhar que tal aconteça. Estamos em tempo de guerra e aproveitam-se todos os ensejos para fazer propaganda a favor ou contra os beligerantes, segundo as paixões de cada um.

A descoberta das sulfâmidas pelos alemães causou uma autêntica revolução na terapêutica.

Para contrabalançar o êxito da ciência alemã, era preciso que, também na Inglaterra, aparecesse uma descoberta de êxito retumbante. Deste modo até ao campo estritamente científico e humanitário se estende a guerra.

Há meses, chegou a uma biblioteca erudita um número de certa revista médica americana a que faltavam algumas folhas. Pelo índice veio a saber-se que as folhas ausentes publicariam um longo artigo sobre sulfâmidas.

Como deveriam forçosamente elogiar a ciência alemã, a censura americana não hesitou em mutilar a revista...

A fim de moderar o entusiasmo político dos leitores das gazetas, e de pôr as coisas no seu lugar, o Dr. José Garrett deu-se ao cuidado de estudar, nas fontes mais autorizadas da imprensa médica da Inglaterra e dos Estados Unidos, a origem e a história da penicilina e eu vou tentar, neste artigo, resumir as suas investigações bibliográficas.

Foi em 1929 que o médico inglês Fleming notou que um bolor do Gé-

nero *Penicillium* evitava o desenvolvimento da cultura de certos micróbios, entre eles os agentes das supurações e do garrotinho. Notou ainda Fleming que a injeção, em animais, de caldos de cultura microbianos, com a penicilina, derivada daquele bolor, não era nociva.

Apesar de tão curiosa observação, a descoberta de Fleming ficou esquecida durante mais de dez anos e só a partir de 1940 é que recommençaram as investigações.

Não posso, neste jornalzinho, referir-me a questões que não poderiam interessar os leitores.

Começou a cultivar-se o tal bolor, denominado cientificamente *Penicillium notatum*, e a obter-se o seu produto denominado penicilina, cuja obtenção é muito difícil, assim como difícil é a sua purificação.

A penicilina actua de maneira diferente dos clássicos antissépticos, pois não destrói, como eles, todos os micróbios. Actua apenas sobre alguns, não os destruindo, mas tornando-os inactivos. Estão em curso grandes experiências a respeito da acção da penicilina em diversos moléstias infecciosas. O remédio pode introduzir-se pela boca ou por injeções intramusculares. Parece que o novo medicamento não é nocivo. Está em estudo a penicilina em numerosos laboratórios ingleses e americanos e já se têm obtido excelentes resultados no tratamento das pneumonias e outras doenças infecciosas.

«O futuro, diz o Dr. José Garrett, reserva certamente, a este poderoso medicamento, um notabilíssimo papel, no tratamento de muitas infecções».

Assim seja; e Deus permita que a competição entre os países beligerantes se faça na conquista de meios que beneficiem a humanidade e não na descoberta de processos para mais facilmente a destruir.

J. A. Pires de Lima

PELO SANTUÁRIO

Peregrinações espanholas

Nada menos do que de 3 peregrinações espanholas, além das que vieram no dia 13 de Maio, podemos dar notícia aos nossos leitores, todas 3 da Galiza.

A primeira chegou no dia 21 e era formada por 42 pessoas da importante cidade de Vigo. Dirigia-a o Rev. P.º Agostin Nandim Lomba. Seguiram à risca o programa das peregrinações mensais.

A 2 de Junho veio igual número de devotos de Nossa Senhora da Fátima, estes da cidade episcopal de Tuy. Vinha como director da peregrinação o Rev. D. Afonso Casas Villanueva, Chantre da Catedral.

Dois dias depois, a 4, estiveram também no Santuário 8 raparigas da Residência Feminina de Universitárias, de Santiago de Compostela.

Peregrinação inglesa

É já tradicional a peregrinação da Colónia Inglesa em Portugal, à Fátima, a implorar de Nossa Senhora a paz para o mundo. Desta vez vieram mais peregrinos, cerca de 200 pessoas. Fizeram a procissão das velas e houve adoração nocturna diante da SS.ª Sacramentos exposto. Depois da adoração, o Rev. P.º John Whites, Presidente do Colégio dos Inglesinhos, de Lisboa, cantou a Missa, acolitado por um sacerdote canadiano e por outro lituano.

No dia 10, o Superior dos R.R. Padres Dominicanos do Corpo Santo, de Lisboa, rezou a Santa Missa na capelinha das Aparições, oferecendo-a pelos prisioneiros de guerra. Depois desta Missa foi a imagem de Nossa

Senhora conduzida processionamente para a capela das Confissões. Ali se deu a bênção do Santíssimo e se fez a consagração diante de uma Imagem de Nossa Senhora que nesse dia se benzeu, de propósito para servir nestas peregrinações.

Peregrinação da L. U. C. F.

Cerca de 250 Senhoras diplomadas fizeram, no dia 10, a sua peregrinação à Cova da Iria. Presidiu o Rev. P.º Domingos da Apresentação Fernandes. Do Porto veio o Rev. P.º Xavier Coutinho. As Senhoras da L. U. C. F. juntaram-se 20 do Centro Social.

A 11, a Imagem da Virgem Santíssima presidiu, no salão das conferências, a uma sessão solene que ali se realizou. Falaram algumas dirigentes da L. U. C. F., entre elas a Sr.ª D. Maria Luisa Van-Zeller, Presidente Nacional deste organismo da A. C.

Outras peregrinações

As alunas do Colégio de Nossa Senhora da Fátima, de Abrantes, vieram até junto da Mãe do Céu, no dia 22 de Maio, implorar protecção para os seus exames.

Poucos dias depois, a 27, chegaram as alunas do Curso do Imaculado Coração de Jesus, da Estrêla, Lisboa, acompanhadas pelo Rev. P.º Serrano, Capelão da Armada.

A 5 de Junho celebrou a Santa Missa na capelinha das Aparições o Rev. Pároco de Vila Chã de Ourique, que veio com um grupo de paroquianos seus ajoelhar aos pés de Nossa Senhora e pedir-Lhe protecção.

Peregrinação de Junho, 13

(Continuação da 1.ª página)

no de adoração a peregrinação de Cheleiros, Mafra. Das 3 às 4, a de Guimarães. Das 4 às 5, a de Ribeira de Fráguas, diocese de Aveiro, tendo presidido o respectivo pároco. Das 5 às 6, a peregrinação de Sintra.

Durante a noite muitos sacerdotes confessaram homens e rapazes. Desde alta madrugada foram celebradas numerosas Missas.

Um dos párocos de Sintra que acompanhou a peregrinação daquela vila celebrou às 7 horas a Missa da Comunhão Geral.

Ao meio-dia, rezado o têrço, fez-se a primeira procissão com a imagem de Nossa Senhora da Fátima que foi conduzida no seu rico andor para junto do altar exterior da Basílica.

Celebrou a Missa oficial o rev. pároco da freguesia de Ribeira de Fráguas.

Ao lado do altar e junto do Senhor Bispo de Leiria esteve o rev. D. Agostinho Nandim, director da peregrinação espanhola.

Cantou-se a Missa *De Angelis* acompanhada a harmónio.

Ao Evangelho, fez a homilia o rev. P.º Matos Soares. Fez as adorações e invocações do costume o rev. cônego dr. Manuel Marques dos Santos, Vigário Geral da diocese de Leiria e Reitor do Seminário Episcopal da mesma cidade.

Antes da procissão final, aquele categorizado sacerdote leu a mensagem de saudação enviada ao povo português pelo venerando Arcebispo de Westminster, Londres, por ocasião da grande Peregrinação Nacional de 13 de Maio próximo passado, pondo em relevo o seu alto significado.

Leu também as determinações do Senhor Bispo de Leiria relativamente às senhoras que se apresentam menos decentemente vestidas e às quais proíbe a entrada no recinto do Santuário e manda recusar a administração dos Sacramentos da Confissão e Comunhão. Frizou ser de lamentar que, para evitar tais abusos, se tornasse necessário recorrer a estes meios.

Os doentes inscritos eram 93.

Deu a bênção individual aos doentes e depois do *Tantum ergo* a geral a toda a multidão o rev. D. Agostinho Nandim.

Na última procissão, conduziu o andor com a veneranda imagem de Nossa Senhora da Fátima à capela das aparições um grupo de peregrinos espanhóis. Antes de o imponente cortejo se pôr em movimento, o Senhor Bispo de Leiria deu aos peregrinos a bênção Episcopal e benzeu em comum os objectos de piedade que eles lhe apresentaram para esse fim.

Lida a fórmula da consagração dos fiéis presentes a Nossa Senhora e realizada a comovedora cerimónia do «Adeus», principiou a retirada dos peregrinos para as suas terras. Visconde do Montelo

NOVIDADES são um jornal moderno, de larga informação e de segura doutrinação católica.

ACÇÃO CATÓLICA

Aspectos Morais da Caridade

Com frequência se ouvem lamentos de quem quereria dar, e não pode.

Talvez não haja sempre muita sinceridade em tais lamentos. Até os pobres encontram maneira de ocorrer, por vezes, à miséria dos mais pobres.

Seja como fôr, há sempre processo de exercer eficientemente a caridade, porque a miséria física não é a mais atroz. Mais dolorosa e prolongada do que ela é a miséria moral.

Pode haver quem viva em palácio dourado, e se vista de seda, e passeie em automóvel próprio, tendo, no entanto, o coração retilhado por dor amarga.

A fome física facilmente se remedeia. Um pedaço de pão e de carne bastará para pôr-lhe têrmo. Mas a miséria moral, essa fere noite e dia, por longos meses, talvez por anos intermináveis, sem que para ela se encontre remédio.

Por isso é difícil encontrar um mendigo que seriamente deseje morrer, ao passo que se encontram pessoas sem conta, feridas no coração, que anseiam pela morte, como pela hora feliz da liberdade.

E é tão largo e tão variado o panorama das dores morais... Miséria dos que se debruçam febrilmente sobre os livros, ou estudam alvoroçadamente o universo, à procura de solução para problemas que permanecem enigmas;

miséria de pobres almas ulceradas, que talvez passem aos olhos do mundo por pessoas privilegiadas: mães que assistem transidas ao suicídio moral de seus filhos; raparigas que loucamente se precipitam em abismos de paixão, onde se queima a fé, e se extingue o perfume da virtude, e se criam e se alimentam vícios que ficam a marcar pela vida fora, como estigma ignominioso, a própria alma, e famílias inocentes e envergonhadas; homens que vendem e mancham a honra própria e a honra de seu lar, lançando-se, por vezes, em aventuras dispendiosas, que levam os filhos à ruína, e muitas vezes arrastam a fraudes que os tribunais julgam com horror;

miséria dos que não crêem, e passam a vida como se, há pert de vinte séculos, não tivesse despontado a grande esperança de Belém, como se o Mestre não tivesse ensinado e morrido por amor, como se a Igreja não fôsse a grande, carinhosa Mãe que o Senhor estabeleceu para sarar as chagas do pecado, e orientar todos os caminheiros da terra, no sentido de Deus.

É tão vasta e trágica a miséria moral que atordoa e enegrece o mundo!

Para ocorrer a esta miséria não são necessários tesouros materiais. Basta possuir riqueza de inteligência, de sensibilidade e de fé.

Uma palavra amiga, uma visita oportuna, um conselho discreto, um livro que se empresta, um exemplo que se dá, às vezes a simples presença, podem ser voz de Deus, a profligar o mal e a chamar ao caminho do bem.

E, se todos os cristãos devem praticar esta espécie de caridade, para os associados da Acção Católica, por força de sua vocação e em virtude do juramento que fizeram, mais instante e grave se torna o dever.

† MANUEL, Bispo de Helenópolis

Orações que podem ser intercaladas nos mistérios do Rosário

I
O meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno, levai as almas fôdas para o Céu, ajudai principalmente as que mais precisarem.

Esta oração foi ensinada por Nossa Senhora à Ir. Lúcia, vidente da Fátima.

II
O meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno, aliviái as almas do Purgatório principalmente as mais abandonadas.

Concedemos 100 dias de Indulgência aos fiéis por cada vez que recitarem com o coração contrito uma destas orações.

Leiria, 23 de Junho de 1944.

† JOSÉ, Bispo de Leiria